

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a solid blue rectangular background.

Os limites do reconhecimento masculino sobre a mulher [The limits of male recognition on women]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Santos, João Vitor
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-10 23:22:51
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158013

Os limites do reconhecimento masculino sobre a mulher

Antonietta Potente reconhece que hoje há movimentos sensíveis a questões femininas. Porém, reitera que isso ainda se dá numa posição varonil, que desconsidera os espaços e caminhos abertos pelas próprias mulheres ao longo da história

Por João Vitor Santos | Tradução Eduardo Herrmann

Não há quem negue que os movimentos feministas abriram espaços no espectro social para as mulheres, colocando-as no mesmo grau que os homens. Entretanto, há mais nuances que parecem ainda não terem sido compreendidas. Isso fica claro quando a teóloga Antonietta Potente analisa a figura da mulher na Igreja de hoje, inspirada pela imagem de Maria Madalena. Para ela, a sensibilidade do papa Francisco para com o outro abre as portas da Igreja para refletir sobre muitos temas, entre eles o feminino no catolicismo.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Antonietta ainda enfatiza: “Tenho a impressão de que [o papa, os homens] me trata sempre, e a minhas companheiras mulheres, como pobrezinhas, a não ser que reflitamos os paradigmas que eles têm em seu imaginário”. Ela chama atenção como esse detalhe ruidoso na relação entre o masculino e o feminino sempre existiu e se perpetua desde o anúncio feito por Madalena, quando os homens não compreendem a mensagem.

Antonietta Potente é doutora em teologia moral e religiosa da Congregação das Irmãs Dominicanas de São Tomás de Aquino. Lecionou em diferentes centros de estudos e universidades teológicas da Itália até 1994, quando foi viver na Bolívia. Lá, seguiu sua atividade de docência e escritora. Buscando uma integração maior, morou com uma família indígena nos arredores de Cochabamba. De volta à Itália, desde 2012, colabora com a Faculdade de Filosofia da Universidade Estatal de Verona. Além disso, segue sua atividade de escritora, acompanhando comunidades de base em diferentes lugares. Seus temas de reflexão são místico-política, relações interculturais e inter-religiosas a partir de uma perspectiva da diferença sexual. Entre suas publicações, estão *Un bene fragile. Riflessioni sull'etica* (Milano: Mondadori 2011), *Umano più umano* (Firenze: Piagge edizioni, 2013), *È vita ed è religiosa: una vita religiosa per tutti* (Milano: Paoline, 2015) e *Vestire gli ignudi* (Bologna: EDB, 2016).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a senhora compreende a figura de Maria Madalena? Qual sua importância para o cristianismo?

Antonietta Potente - Parece que, dentro do imaginário cristão, Maria Madalena é a que mais resgata a ousadia feminina. Falo do imaginário porque, por si só, como todas as mulheres bíblicas, sua história se situa em um nebuloso mistério, onde cada uma de nós

encontra algo de si. Essa proximidade não se encaixa em devotos critérios morais - pecadora ou santa -, mas também dentro de seu infinito desejo e de sua proximidade ao mistério. Em uma hermenêutica um pouco extemporânea das clássicas hermenêuticas sobre as escrituras cristãs, me perguntaria se não foi ela a mulher sangrando que toca por trás o manto de Jesus sem pedir permissão

a ninguém, empurrando entre a multidão.

Na história desse imaginário cristão, todo mundo disse algo sobre ela e, lamentavelmente, sendo a narração cristã uma narração masculina, a morfologia dessa mulher se tornou sempre mais etérea. É interessante saber que, nos primeiros séculos da experiência cristã alternativa, entre as mães do deserto, todas ou quase todas aque-



Todo mundo disse algo sobre ela e, lamentavelmente, sendo a narração cristã uma narração masculina, a morfologia dessa mulher se tornou sempre mais etérea

las mulheres que percorrem o deserto têm o nome de Maria. Como se fosse para se deixar adotar por essa mulher, que talvez para elas incorpora as características de uma mulher fora dos cânones varonis. É ela que permite a cada uma ser “a outra Maria”.

IHU On-Line - Como a figura de Maria Madalena pode contribuir para reflexões acerca do espaço e papel da mulher na Igreja? É possível afirmar que o apagamento do protagonismo feminino, na história da Igreja, se dá na mesma proporção em que a figura de Madalena é relegada?

Antonietta Potente - Na Ordem Dominicana¹, desde suas origens, Maria Madalena é considerada como a padroeira, junto a Santo Domingo², da mesma Ordem Dominicana, e a ela se dava o nome de “apóstola dos apóstolos”. Isso me parece muito significativo, e me leva a pensar que se hoje, na Igreja, queremos resgatá-la, não é uma grande novidade. O mesmo acontece com toda a teologia sobre as mulheres e, sobretudo, a

eclesiologia em torno delas. Parece que não conseguimos dar passos muito relevantes. Há algo como uma constante repetição do que, há muitos séculos, de alguma forma alguém havia intuído, sobretudo as místicas e os místicos.

Penso em Meister Eckhart³ e toda sua escola formada também por mulheres. Não acredito que o destino das mulheres na Igreja seja relacionado apenas com Maria Madalena, mas também com aquele imaginário próprio que se tem sobre a mulher em geral e na fé cristã, a partir da mesma Maria, mãe de Jesus de Nazaré. A ela também fizeram cumprir um papel que refletia a mentalidade varonil e sacerdotal, e que não foge nunca daquelas coordenadas masculinas sobre as mulheres que eles sentem: mãe, irmã e nada mais. Mãe que os cuida e irmã que os serve.

Sempre falaram sobre nós e poucas vezes pediram que falássemos sobre nós mesmas. O mesmo acontece na Igreja atual. Desde a Igreja atual, estão dizendo o que fazer conosco: chamar-nos ou não de diaconisas. E sobre isso fazem eternas discussões sobre quem disse sim e não, e tudo isso porque são eles que têm de decidir. E se isso não nos interessar? Se a nós não importar ser ou não ser admitidas em tudo isso? Qual seria o problema? Uma desobediência mais?

3 Eckhart de Hochheim, O.P. (1260 – 1328): mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos títulos acadêmicos obtidos durante sua estadia na Universidade de Paris, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. Ele é considerado como um dos grandes símbolos do espírito intelectual da idade média. (Nota da **IHU On-Line**)

O reconhecimento das mulheres, dentro de uma perspectiva de diferença sexual, passa por outro caminho, e são os caminhos das mesmas mulheres que podem ou não podem coincidir com uma instituição totalmente varonil.

IHU On-Line - Hoje, em especial nesse pontificado, quando se fala em mais espaço para a mulher na Igreja, logo se associa à ideia de ordenação de diaconisas. Mas será esse o espaço mais importante para as mulheres, a maior conquista? Em que medida esse debate acerca das diaconisas cessa e inebria um debate mais amplo sobre o espaço para mulheres na estrutura da Igreja?

Antonietta Potente - Em parte já respondi sobre esse tema, mas poderia acrescentar que, por parte da Igreja e da sensibilidade do Papa Francisco, falta reconhecimento histórico sobre o papel das mulheres - todas as mulheres - na história. Tratam a nós um pouco como os pobres: eles nasceram pobres - o que não é verdade - e nós nascemos “menores de idade”. A diferença nesse momento é que Papa Francisco é mais sensível com respeito aos outros, e parece que se sente culpado de tantos males da Igreja e da humanidade em geral, e é como se quisesse pedir perdão e tentar fazer gestos que resgatem a posição da Igreja. Mas não se dá conta de que, ao longo da história, algo aconteceu: nós, mulheres, elaboramos nossa hermenêutica, nossa filosofia e sabedoria de vida. Porém, isso ele não percebeu. Tenho a impressão de que me trata sempre, e a minhas companheiras mulheres, como pobrezinhas, a não ser que reflatamos os paradigmas que eles têm em seu imaginário.

IHU On-Line - Em que medida a estrutura piramidal da Igreja hoje cessa potências femininas? E que outras potências são diminuídas dentro desse modelo?

Antonietta Potente - Eu, por minha experiência, vejo que as mulheres livres seguem seus ca-

¹ **Ordem dos Pregadores** (latim: Ordo Prædicatorum, O. P.), também conhecida por Ordem dos Dominicanos ou Ordem Dominicana: é uma ordem religiosa católica que tem como objetivo a pregação da palavra e mensagem de Jesus Cristo e a conversão ao cristianismo. Foi criada em Toulouse, França, em 22 de Dezembro de 1216 por São Domingos de Gusmão, sacerdote castelhano (actual Espanha), o qual era originário de Caleruega, e confirmada pelo Papa Honório III. (Nota da **IHU On-Line**)

² **São Domingos de Gusmão** (1170 – 1221): foi um frade e santo católico fundador da Ordem dos Pregadores, cujos membros são conhecidos como dominicanos. (Nota da **IHU On-Line**)

minhos. O problema pode ser para algumas que, por algum motivo, não conseguiram abandonar esse imaginário de servidão. Penso em algumas congregações religiosas que nasceram para servir os sacerdotes e monges e daí não saíram. Nesse sentido, penso que a culpa também é de nós, as mulheres teólogas, que não as ajudamos a fazer um caminho de conscientização feminina.

Para fazer isso, é necessário criar outra teologia, outra antropologia e filosofia. Não é suficiente falar de Deus maternal, nem de suas entranhas, porque sobre isso podem falar também os homens, pelo fato de que eles sentem as entranhas e o útero como um espaço também deles, porque dali nasceram e não se pode negar isso. Uma teologia de mulheres vai mais além; usando as palavras de Jesus com Nicodemos⁴, não é suficiente renascer desde o útero da mãe, porque as dores do parto seriam mais uma vez da mulher, e não dele. É necessário nascer de novo desde o vento, que não se sabe de onde vem e para onde vai. No entanto, para a teologia varonil, é importante saber tudo, para saber também que ninguém retira deles seus papéis e seu poder - ainda que sempre menores - sobre a vida dos e, sobretudo, das demais.

IHU On-Line - No cristianismo primitivo não havia essa organização piramidal, sendo uma Igreja muito mais circular. Em que momento, como e por que a Igreja assume essa configuração?

Antonietta Potente - Deixando privilégios, terminando com essa ânsia de ser a única, de tomar um espaço que é de outros e outras. Impressiona-me, sobretudo na Itália, a nível midiático, ver como se dá um peso especial ao que a Igreja diz. Se aguarda o que ela diz, a pensamos como a instituição que

pode resolver. Os primeiros cristãos sempre rechaçaram essa visibilidade (carta a Diogneto)⁵, sempre lutaram contra estar na mesa onde se decide a sorte da humanidade por parte dos donos. Nossa opção não é ser bons, fazer o bem porque todo o mundo nos vê e sabe de nós, mas sim viver bem com mulheres e homens de qualquer cultura e religião, que buscam o mesmo.

“
Sempre falaram sobre nós e poucas vezes pediram que falássemos sobre nós mesmas

IHU On-Line - Como mudar essa estrutura piramidal e como as discussões sobre os espaços e papéis das mulheres e do laicato podem contribuir para essa “reforma”? Que relação é possível estabelecer com os movimentos de Francisco em seu pontificado?

Antonietta Potente - Não se trata de uma reforma que vem do alto e, além disso, eu não considero as instituições se já se colocam desde o início nessa posição. Trata-se de uma mentalidade que mudamos desde baixo, até que se perceba no “alto”. Francisco é um homem que salvou a cara da Igreja, mas não muda muito. O alto segue existindo. Pessoalmente, me interessa a reforma da humanidade, a da Igreja é pouca coisa dentro do que deve ser transformado na humanidade.

5 Epístola de Mathetes a Diogneto : é provavelmente o exemplo mais antigo de apologética cristã, textos defendendo o Cristianismo de seus acusadores. O autor e o destinatário, gregos, não são conhecidos, mas a linguagem e outras evidências textuais colocam a obra no final do século II d.C. Alguns assumem uma data ainda mais antiga e contam a epístola entre os Padres Apostólicos. (Nota da **IHU On-Line**)

Certamente, se a Igreja seguisse impedindo a transformação em direção à inclusão e à paz da humanidade, isso seria muito grave e haveria que lutar para que ninguém a escutasse: “*façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem*” é um antigo adágio. É preciso que voltemos a ser pessoas ativas na transformação das relações humanas e com o cosmos, porém chamando a todo o mundo: cada cultura, religião, cada beleza e bondade e suas respectivas boas e belas experiências. Os leigos devem ser mais criativos, no entanto, desde o Concílio Ecumênico Vaticano II⁶, cresceram demais a imagem e semelhança do clero.

IHU On-Line - A senhora viveu muito tempo entre camponeses aimará na Bolívia. Qual é e como compreender o papel das mulheres nessas comunidades indígenas e no que podem nos inspirar?

Antonietta Potente - São sábias e fortes como as mulheres do começo do cristianismo.

6 Concílio Vaticano II: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. **O Instituto Humanitas Unisinos – IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <http://bit.ly/0ze8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois*. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

4 Nicodemos: viveu no século I, foi um fariseu e contemporâneo de Jesus Cristo. Defendeu-o perante o Sinédrio e sepultou-o. Atribuem-lhe um evangelho apócrifo, outrora chamado de Atos de Pilatos. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - Como a senhora tem observado o atual momento da Bolívia? A perspectiva do “Bem Viver” sucumbe ao desenvolvimento capitalista?

Antonietta Potente - A dificuldade para a Bolívia, como para todos os países em caminho de transformação, é a de conseguir sobreviver com suas mudanças em um sistema mundial que não permite mudanças. O problema não são esses países, mas sim o sistema, que todo o mundo deveria enfraquecer dia após dia. A Bolívia segue sendo uma tentativa muito interessante, porém já não tem grandes apoios.

IHU On-Line - Como observa a Lei de Identidade de Gênero boliviana? Quais são os avanços e limites? Como compreender as

7 Na seção Notícias do Dia, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos –IHU foram publicados diversos textos sobre o tema. Entre eles “Lei sobre identidade de gênero opõe Morales e bispos na Bolívia”, publicada em 28-06-20016, disponível em <http://bit.ly/29BRLUX>. (Nota da **IHU On-Line**)

posições dos bispos que entram em choque com Evo Morales?

Antonietta Potente - A Bolívia, como outros países, tenta responder a novas tomadas de consciên-

“
Por parte da Igreja e da sensibilidade do Papa Francisco, falta reconhecimento histórico sobre o papel das mulheres

cia por parte da sociedade. Porém a Igreja, quanto ao processo de mudança política, não soube encontrar o seu lugar. Desde o início, em um processo de transformação, a Igreja desempenhou um papel

demasiado crítico até se tornar, pouco a pouco, contrária, e isso porque sentiu que algo - por sorte, digo eu - estava acontecendo e aconteceu sem ela.

Assim foi e assim se seguiu, no meu modo de ver, piorando dia após dia. Isso porque à Igreja interessam os pobres, e não sua capacidade de se tornarem capazes de um futuro com autonomia. Os indígenas são um mundo, e esse mundo agradou à Igreja quando estava calado - assim como as mulheres -, mas o papel mudou. Isso não quer dizer que tudo o que acontece na Bolívia é perfeito, absolutamente não, mas na Bolívia não podemos mais voltar atrás.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Antonietta Potente - A história das mulheres sempre foi muito parecida com a história dos povos e das categorias sociais mais fracas. Mas nós demos sinais muito bonitos de que vamos além. ■

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br